



O DESAFIO POLÍTICO E PEDAGÓGICO

EDU

373.2 (816.5)

E24

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

***A EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO:
O DESAFIO POLÍTICO E PEDAGÓGICO***

Textos para o Seminário "A educação infantil no município: o desafio político e pedagógico", promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através da Pró-Reitoria de Extensão e da Faculdade de Educação, com o apoio da FAMURS - Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul e CONSEME Conselho dos Secretários Municipais de Educação do Rio Grande do Sul - UNDIME/RS.

Maria Beatriz Moreira Luce
Maria Isabel Edelweiss Bujes
Coordenadoras

Porto Alegre, 1992

D - ; MARIA CELINA AMODEO

LM 21.000,00

03.09.92

CIP - Catalogação na Publicação

E24 A educação infantil no município: o desafio político e pedagógico / coord. de Maria Beatriz Moreira Luce, Maria Isabel Edelweiss Bujes. Porto Alegre : UFRGS, Pró-Reitoria de Extensão, Faculdade de Educação, 1992.
f.

Textos para o Seminário "A educação infantil no município: o desafio político e pedagógico", promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através da Pró-Reitoria de Extensão e da Faculdade de Educação, com apoio da FAMURS e CONSEME.

CDU: 373.2(1-21) : 061.3
061.3 : 373.2(1-21)
(1-21)373.2 : 061.3
373.2.014.5

Índice Alfabético para Catálogo Sistemático

Educação infantil municipal: Seminário
373.2(1-21) : 061.3
Municípios: Educação infantil: Seminário
(1-21)373.2 : 061.3
Educação infantil: Política educacional
373.2.014.5
Política educacional: Educação infantil
373.2.014.5

Seminário: Educação infantil no município
061.3 : 373.2(1-21)

Bibliotecárias Responsáveis

Iara Ferreira de Macedo, CRB-10/430
Neliana Schirmer A. Menezes, CRB-10/939

Coordenação de edição

Luciana Facchini
Maria Isabel Bujes

Digitação

Maria Noeci S. Vasconcellos
Ana Regina V. Aquino

Editoração eletrônica

Aldo L. Jung

Arte da capa

Kundry Lyra Klipell

Reprodução

Copy Star

Encadernação

Neide Sanches Fernandes
Cláudio Branchi
Eduardo Nogueira

373.2(816.5)
E24

24984

EDU
1992/89130-3
1992/07/28

A CRIANÇA DE ZERO A SEIS ANOS

*Sérgio Roberto Kieling Franco**

A princípio pode parecer óbvio falar-se sobre a criança, quando se pensa a pré-escola. Afinal, trabalhar com educação infantil é, como o próprio nome já diz, trabalhar com a criança. O problema é o que vamos falar da criança. Será que interessa falarmos das suas maravilhosas "criancices"? Ou é mais interessante falarmos sobre o que a criança faz com cada idade?

Penso que o importante não seja simplesmente falar da criança, mas sim pensar a criança. Tentar compreendê-la.

Afinal, é importante parar e pensar: o que é a criança?

Será um adulto em miniatura? Ou quem sabe um animalzinho um pouco mais aperfeiçoado e com forma de gente?

Isso pode parecer algo sem importância, contudo é preciso que se pare para analisar o nosso modo de conviver com a criança e ver se por muitas vezes nós não agimos com ela, segundo uma das hipóteses acima.

Ser criança é um modo de ser humano. Sem dúvida, diferente do modo de ser adulto. Não melhor ou pior, mas diferente.

Vamos tentar, então, compreender este modo de ser.

Em primeiro lugar, gostaria de destacar que seis anos na vida de uma criança, representa muito mais que o mesmo tempo na vida de uma pessoa adulta. A criança passa por muitas transformações neste pequeno espaço de tempo. Daí, já se pode adiantar que, sem dúvida, o período de vida em questão é tremendamente importante para a criança e para toda a sua vida futura.

Quando afirmamos isso, estamos admitindo que a vida humana é um constante vir-a-ser e que o processo de desenvolvimento implica em uma continuidade. Ou seja, que tudo o que ocorrer na infância terá seus reflexos (mais ou menos marcantes) na vida adulta.

Mas é ainda preciso perguntar: o que possibilita este desenvolvimento?

Será a sua maturação biológica, que, devido à sua programação genética, traz consigo os passos necessários ao desenvolvimento da criança? Se o for, o trabalho com esta faixa etária consistirá em simplesmente acompanhar o desenvolvimento que, afinal, se processa sozinho.

Ou será, então, que o que possibilita o desenvolvimento é a estimulação que se aplica à criança, de forma que ela vai criando comportamentos novos por

* Professor da Faculdade de Educação da UFRGS.

um processo de condicionamento?

Se assim for, o trabalho pedagógico, junto às crianças na faixa de zero a seis anos, passa a ter uma importância fundamental, pois se poderia garantir um desenvolvimento satisfatório a essas crianças, o que muito provavelmente não aconteceria em casa, pois, na escola teríamos a possibilidade de programar melhor essa estimulação.

No entanto, as pesquisas psicológicas, mais precisamente aquelas que se situam no enquadre da psicanálise e da epistemologia genética (construtivismo), nos revelam que o que possibilita o desenvolvimento é, de fato, a interação do sujeito com seu meio. Isso não é o mesmo que fazer uma "mistura" das duas idéias colocadas acima. Afirmar a interação como fator que possibilita o desenvolvimento é dizer que ele se dá por causa da **RELAÇÃO** que se estabelece entre o sujeito (com toda a sua carga genética e dispositivos biológicos) e o meio onde ele está inserido (que compreende toda uma série de fatores que vão desde os objetos materiais até os valores sociais, passando necessariamente pela existência do outro).

Isso quer dizer que não basta colocar-se uma criança sadia em um local cheio de materiais maravilhosos. Só teremos uma garantia de que ocorrerá um desenvolvimento sadio desta criança, se estabelecer-se uma relação desta criança com aquilo que a cerca.

Tendo, pois, feito esta exposição preliminar, passemos para uma explanação de como ocorre o desenvolvimento da criança nesse período de zero a seis anos, de modo que tenhamos algumas pistas de como e porque devemos trabalhar com a criança em idade pré-escolar.

A infância inicia no nascimento e a maneira como a criança chega ao mundo tem uma importância muito grande para a compreensão da mesma.

Observa-se que, ao nascer, a criança vive um estado de indiferenciação, ou seja, ela vive como se só ela existisse no mundo e que tudo aquilo com que se depara (objetos, pessoas) fazem parte dela mesma. Isso se torna importante na medida em que compreendemos que a trajetória do desenvolvimento é, fundamentalmente, um processo de construção do eu, e, portanto, de diferenciação do sujeito em relação ao meio que o cerca.

Haveria muitos aspectos a abordar, quanto ao desenvolvimento da criança de zero a seis anos. No entanto, limitar-me-ei ao aspecto cognitivo, tanto por ser uma abordagem mais recente em nosso meio, como por ser o aspecto que dá o principal substrato à proposta pedagógica construtivista.

Ao explicar o processo de desenvolvimento cognitivo, Piaget descreveu quatro estágios. Estes estágios são definidos pelo modo de pensar da criança. Poder-se-ia dizer que, em cada estágio, a criança utiliza uma lógica diferente para pensar. Além disso, é importante salientar que, ao definir os estágios, Piaget deixou bem claro que a ordem de aparecimento dos estágios é necessária, ou

seja, que não se pode "queimar etapas", pois cada estágio prepara o posterior e se constrói sobre as estruturas do anterior.

No entanto, as idades em que estes estágios aparecem são relativas, pois o desenvolvimento depende da interação com o meio, de modo que podem haver acelerações ou atrasos.

Passemos, pois, à exposição dos aspectos principais dos estágios, de modo a possibilitar uma compreensão de como a criança pensa em cada etapa.

O primeiro estágio chama-se sensório-motor. Ele compreende as primeiras atividades da criança desde o seu nascimento até o segundo ano de vida. Como o próprio nome diz, aqui o pensamento da criança é constituído de sensações (sensório) e movimentos (motor). Portanto, ele é a própria ação prática da criança. Ora, inicialmente estas ações são somente os reflexos que a criança trouxe no nascimento. Será a partir da aplicação desses reflexos sobre os objetos de seu meio que a criança irá se diferenciar do mundo.

Um passo importante rumo a esta diferenciação se dá ali pelos 8 meses (pelo menos nas culturas ocidentais), quando a criança constrói a noção do "objeto permanente".

Acontece que até aqui o objeto existia para a criança somente enquanto estivesse ao alcance dos seus órgãos dos sentidos. Se um objeto com o qual a criança estivesse brincando caísse de suas mãos e ficasse fora do alcance de seus olhos, para esta criança seria como se tal objeto nunca houvesse existido. Simplesmente ela pegaria outro objeto e iniciaria outra "brincadeira".

Será após os 8 meses, aproximadamente, que esta atitude mudará. Se cobrirmos o objeto (que pode ser um chocalho) com um pano, por exemplo, ela vai procurá-lo sob este pano. Já se cobrirmos este mesmo objeto com um pano e, diante de seus olhos, transferirmos este objeto a um outro local (que pode ser uma caixa), ela continuará procurando-o sob o pano que escondeu o objeto inicialmente. Um pouco mais tarde, se fizermos o mesmo procedimento, a criança irá procurar o objeto sob o pano e depois na caixa (embora tenha visto a transferência do pano para a caixa). E, finalmente, a criança coordenará os diversos movimentos e, ao se executar o mesmo procedimento, ela vai diretamente para o local final, isto é, a caixa. Portanto, a partir deste momento, o objeto passa a existir para a criança, independentemente dela percebê-lo ou não.

É aqui que se dá, de fato, o nascimento da inteligência. Somente com o objeto permanente será possível um pensamento e uma inteligência.

Pode-se dizer que esta é a primeira batalha que a criança vence no seu processo de diferenciação em relação ao meio.

Este estágio sensório-motor tem uma importância particular na teoria piagetiana. Não simplesmente por ser o primeiro, mas porque através dele Piaget conseguiu demonstrar uma coisa que até o momento praticamente ninguém acreditava: que é possível haver pensamento sem que haja linguagem.

Antigamente se falava na "idade da razão", que seria a idade em que a criança começaria a pensar racionalmente, o que, se pensava, acontecia a partir dos quatro anos de idade

O segundo estágio do desenvolvimento cognitivo é o pré-operatório. O nome deste estágio já indica que ele é anterior a algo (pré-operatório). Ou seja, ele acontece antes do aparecimento das "operações" lógicas. Mas é importante destacar que, se ele é "anterior", isso se deve ao fato de ser necessário para preparar as operações, pois se há um caminho necessário, uma ordem de sucessão determinada, esta não é por acaso. Cada estágio é, de fato, a preparação do estágio seguinte.

— Bom, o estágio pré-operatório inicia quando surge a chamada "função simbólica".

A função simbólica não consiste simplesmente na capacidade de simbolizar, mas na capacidade de diferenciar o significado do significante. O que quer dizer isso? Rapidamente, poderia explicar da seguinte forma: o significado é a coisa e o significante é aquilo que representa a coisa. Assim, a criança que constrói sua função simbólica vai poder, graças a essa diferenciação, lidar com a representação da coisa, podendo prescindir da coisa.

Por exemplo, um menino poderá continuar a jogar bola mesmo após ter terminado o jogo. Isto é, em casa ele vai "fazer de conta" que está jogando bola.

O pensamento da criança antes dos 18 meses (aproximadamente), isto é, antes da construção da função simbólica, estava totalmente preso ao real. Não era um pensamento simbólico, pois só podia acontecer enquanto a criança estava agindo. Lembre-se o leitor, que era um pensamento sensório-motor.

É na passagem do primeiro para o segundo estágio do desenvolvimento cognitivo que a criança consegue dar este passo tão significativo, rumo à diferenciação completa do sujeito e do objeto.

— Há três manifestações básicas da função simbólica: a imitação diferida, o brinquedo simbólico e a fala.

A imitação diferida é quando a criança imita algum objeto ou pessoa em uma situação diferente da original e na ausência do modelo. Imitação esta, feita com o próprio corpo da criança. Por exemplo, quando uma criança imita um balanço estando em casa e balançando o seu corpo para frente e para trás.

O brinquedo simbólico, que normalmente aparece depois da imitação diferida, é mais fácil de ser percebido. Trata-se do "faz de conta". É quando a criança imagina uma determinada situação e passa a agir como se estivesse vivenciando a mesma. Neste caso, normalmente, há uso de objetos.

A fala é a manifestação mais clara da função simbólica, embora seja mais tardia. Aqui, novamente, é importante destacar o fato de que a linguagem é posterior ao pensamento e, portanto, os dois são realidades diferentes. Mais tarde irão se encontrar e fazer uma aliança tal, que sua distinção será quase

imperceptível.

Veja-se que o surgimento da função simbólica é um outro passo muito importante na caminhada em direção à diferenciação do sujeito e do objeto, assim como o foi a construção do objeto permanente.

Mas não é só isso que ocorre no estágio pré-operatório. Durante este estágio, a criança fará uma série de acomodações na busca de compreender melhor o mundo que a cerca. Ela tem a tarefa muito grande de aprender a se comunicar com a fala e se nota que ela vive uma realidade nova, alimentada pela capacidade de criar um mundo diferente do real: o mundo da fantasia.

É o caso, por exemplo, da criança de dois ou três anos que quer passear, mas a mãe diz que no momento não pode, pois está chovendo. Alguns minutos depois, a criança vem contente dizer que "agora já pode passear! Parou de chover!" (Embora não tenha havido nenhuma mudança meteorológica.) É que a criança imagina que não está chovendo e por isso (por confundir o real com sua fantasia) pensa que já é possível sair de casa e passear. Atenção! Ela não está mentindo! Pois pensa realmente que já parou de chover. Afinal, foi o que ela viu na sua imaginação.

Daí toda a graça e magia das brincadeiras infantis, permeadas por uma lógica ainda diferente daquela utilizada pelo adulto.

Alguns aspectos importantes desta "lógica" pré-operatória são os seguintes. Ausência de transitividade. A criança não se dá conta que se A é igual a B e B igual a C, então A é igual a C. Isso tem muito a ver com a ausência de conservação. Se pegarmos uma bolinha de barro e a transformarmos numa bolacha ou em uma cobrinha, ela vai achar que não somente a forma se modificou, mas junto com ela a quantidade de barro, o peso e o volume da bolinha. Portanto, sua compreensão dos fenômenos encontra-se presa ao que ela percebe - resquício ainda do estágio sensorio-motor. A não conservação está intimamente ligada com a irreversibilidade do pensamento, ou seja, a criança pré-operatória não compreende que se um fenômeno ocorrer, pode-se retornar à situação anterior. Isto é, o pensamento da criança pré-operatória só acontece em um sentido: se houve uma transformação, ela não pode ser desfeita por um simples processo de voltar atrás.

Estes aspectos geram um tipo de raciocínio típico deste estágio, ao qual Piaget denominou raciocínio transdutivo. A criança pré-operatória não faz generalizações (indução), nem tira conclusões de idéia gerais (dedução). Seu raciocínio transfere o conhecimento de uma realidade particular para outra realidade particular, de modo direto. Como aquela filha de Piaget que o viu esquentar água em uma panela para fazer a barba. Quando, pouco depois, sua mãe foi esquentar água na mesma panela, ela logo concluiu que - "a mãe vai fazer a barba".

Uma última característica do pensamento pré-operatório que gostaria de

destacar é o egocentrismo. Trata-se de um egocentrismo cognitivo e não moral. Significa que a criança não consegue coordenar diferentes pontos de vista. Em outras palavras, ela acha que os outros pensam e vêem as coisas como ela pensa e vê. Isso gera uma situação interessante quando vemos um grupo de crianças pequenas brincando juntas. Todas estão brincando e falando, mas cada uma fazendo a sua brincadeira. É o que Piaget chamou de "monólogo coletivo".

Também se observa o egocentrismo nas relações espaciais. Assim, se uma criança pré-operatória está colocada em uma posição que a faz ver, sobre uma mesa, um lápis atrás de um caderno e perguntamos a ela em que posição estaria o lápis, se ela se colocasse ao lado da mesa (de modo que o lápis não ficasse mais atrás do caderno, mas ao lado deste), ela responderia que o lápis continuaria atrás do caderno. Ou seja, ela não consegue coordenar a diferença de posição do observador e as relações entre os objetos observados.

A passagem para o terceiro estágio, o operatório concreto, dá-se quando a criança começa a trocar o centro de seu pensamento. Aos poucos, o raciocínio lógico passa a se sobrepor à percepção e à intuição, que eram tão importantes para a criança no estágio pré-operatório. Só que para acontecer, este raciocínio lógico tem que estar sempre referido ao real.

Este estágio, via de regra, compreende a faixa dos 7 aos 11 anos. Após, a criança (já pré-adolescente) irá construir o último estágio, cujo processo de construção se estenderá mais ou menos até os 15 anos e se caracterizará por um pensamento lógico, que pode acontecer inclusive sem necessidade de referir-se ao real (que é o caso do pensamento filosófico ou dos cálculos científicos, por exemplo).

Disso que foi exposto, podemos concluir que, realmente, trabalhar com a criança não é fácil. Afinal, a criança é muito diferente do adulto e isso exige de nós um grande desprendimento para podermos compreender esta criança e não atrapalhar o seu desenvolvimento.

Não custa ainda dizer que não podemos esquecer que o ser humano é uma totalidade e é preciso não desprezar os aspectos afetivos, querendo tornar nossas pré-escolas ou escolas infantis em fábricas de superdotados, desrespeitando as problemáticas afetivas que as crianças nesta faixa etária estão enfrentando.

Concluo, pois, reafirmando o que disse no início. Que é de suma importância conhecermos como acontece o desenvolvimento da criança para melhor trabalharmos com ela. Se desprezarmos este conhecimento, corremos um grande risco de estarmos fazendo de conta que contribuimos para a educação de crianças, quando possivelmente podemos estar fazendo o papel de "guardas sofisticados" de "depósitos de crianças".

Referências Bibliográficas

1. FRANCO, Sergio R.K. *O construtivismo e a educação*. Porto Velho, GAP, 1991.
2. PIAGET, Jean. *A epistemologia genética*. São Paulo, Abril Cultural, 1978 (Col. Pensadores).
3. _____. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.